

## **AVE, ESCRITA!**

## **AVE, WRITTEN!**

Elni Elisa Willms<sup>1</sup>

*Professora Adjunto I do ICBS-CUR-UFMT*  
Departamento de Educação

---

**Resumo:** O objetivo é fazer um exercício experimental da escritura no entremeio entre o texto acadêmico e o literário. Baseado em pesquisa bibliográfica (BARTHES, 2005a; BLANCHOT, 2005; LISPECTOR, 1998; NIETZSCHE, 1992, 2005, 2006, 2008, 2009, 2009a, 2010, 2010a, 2011, 2012), o texto expressa algumas ideias centrais dos autores lidos, porém de maneira livre. Mostra, assim, o que os autores postulam, ou seja, que o processo escritural pode ser uma oportunidade para expressão da vontade do sujeito tornar-se o que é.

**Palavras-chave:** Escrita – Nietzsche – Brincar

**Abstract:** The objective is to create an experimental writing exercise in the region between the academic and the literary texts. Based on bibliographical research (BARTHES, 2005a; BLANCHOT, 2005; LISPECTOR, 1998; NIETZSCHE, 1992, 2005, 2006, 2008, 2009, 2009a, 2010, 2010a, 2011, 2012), the text express some of the authors' central ideas, but in a more free approach. It shows, then, what the authors postulate, in other words, that the writing process can be an opportunity for the expression of will of an individual to become what it is.

**Keywords:** Writing – Nietzsche – Recreation

---

206. *Livros que ensinam a dançar.* – Há escritores que, por apresentarem o impossível como possível e falarem do moral e do genial como se ambos fossem apenas um capricho, um gosto, provocam um sentimento de liberdade exuberante, como se o homem se colocasse na ponta dos pés e tivesse absolutamente que dançar por prazer interior.

Friedrich Nietzsche, 2005:128

---

<sup>1</sup> Elni Elisa Willms é professora Adjunto I do ICBS/CUR/UFMT e doutora em Educação pela USP. Graduada em Pedagogia e Mestre em Educação, ambos pela UFMT. É membro do Grupo de Pesquisa Estigma e Diferenças na Educação. E-mail: elnielisaw@gmail.com

Se protelo o começo o tempo me atropela e não escrevo. Consegui escrever a primeira frase de um texto que precisa refletir, em cem linhas – a pedido de um professor –, sobre a escrita a partir da leitura de dois livros discutidos durante uma disciplina “O processo escritural: digressões a partir de Blanchot e Barthes”, cursada na Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 2011.

Embora seja difícil, sustento e afirmo: eu sinto prazer em escrever. Escrevo com frequência, quase que diariamente. Escrevo com alguma regularidade o que se chama escritas espontâneas, motivadas ou inspiradas pelo cotidiano, pelas experiências do vivido, o mundo lido, algo que de alguma forma exaltou do meu dia a dia não importa se pela via da dor ou da alegria e suas nuances. Sem dizer dos escritos para as disciplinas da pós-graduação. Escrevo. Gosto de escrever. Preciso deste momento, sem economia de eternidade, mas exuberando o processo. Isso assusta?

É difícil escrever? Vivencio algo sugerido por Roland Barthes (2005a, p. 187): “para ter ideias, é preciso estar disponível”. Liberto-me do olhar analítico e deixo minha intuição liberada, quase como se fosse possível ficar ou estar presente ao momento, porém sem pensar. Assim, abro-me para ideias e percepções inusitadas, às vezes até fecho os olhos para melhor escutar uma ideia, também olho por baixo, de soslaio, pelas beiradas, para cima e de longe. Inverto o sentido do comum para perceber outras nuances. Leio de tudo um pouco. Por vezes leio dois ou três livros, quase ao mesmo tempo: largo um pego outro, conforme meu estado de espírito ou necessidade. Agindo desta maneira, minha disponibilidade alimenta-se de leituras variadas que, por sua vez, alimentam minha escrita. Circularmente e em espiral. Para isso faço anotações, como recomenda o Autor acima, de algo que chamou minha atenção, que de alguma forma dialogou com minha sensibilidade,

desejo ou necessidade sobre determinado assunto. Muitas vezes quando deixo a subjetividade aflorar advém uma escrita que é muito semelhante à do autor que estou lendo. É muito comum após ler Manoel de Barros, Guimarães Rosa ou Clarice Lispector, por exemplo, aflorarem escritas muito próximas dos estilos deles. Simplesmente vêm à tona. Anoto. Em qualquer pedaço de papel mais à mão. Por vezes isso acontece quando estou caminhando, andando de ônibus, em casa ou na sala de aula.

Esses materiais de anotações às vezes entram nas minhas escritas acadêmicas. Outras vezes ficam reservadas no meu arquivo pessoal. Mas eu as acolho, gosto quando vem. Porque é algo que flui, como um rio: por vezes tranquilo, outras vezes deslizando sobre as pedras ou precipitando-se numa torrente como numa cachoeira, a escrita me assalta na dança da...

Vida. Tanto quanto o rio do movimento preciso da palavra. E eu a bebo em toda fonte. Toda palavra que leio flui em mim. Se for a poesia, alguns movimentos circulam meu ser, da beleza à dor, sinto pelas palavras. Se me deixo seduzir pelas palavras que fluem da Água Viva de Clarice Lispector (1998) é então que me deleito, me demoro, me esparramo, espelho-me e me deixo solta para tudo dela sentir. Tanta Vida!

Deixo traços nos livros lidos. Deixo marcas no que vivo. Um traço num livro, no remanso de um rio, muitos traços na fonte da vida. Algo que importa. Que exporto. Que expandiu algum sentido. Que explodiu uma fenda no meu ser. Ou desabrochou em flor. Ou curou uma ferida. Assim a palavra, nus traços do que vivo, no rio, nas cachoeiras, por entre as pedras e na mata. Em cio. Nos livros. Na flor caída. Na maçã podre que se perdeu por não ter sido roubada ao paraíso.

Se me perco entre palavras é quando encontro o caos sentido. E é sempre inúmera a vida entre palavras. E sentidos.

Mas eu também gosto de, às vezes, individualizar o momento (BARTHES, 2005a, p. 176), experimentando-me numa outra escrita, numa espécie de angústia irada: Escrevo ao som da água que escorre da torneira da pia enquanto faço faxina na minha casa. Paro no instante em que olho algumas flores que insistem em florir no cascalho, entre muitas gramas. Minguadas. Fracas. Pequenas e sufocadas porque sem nutrientes. Nem sementes deixarão. É certo que as sementes que ali caíram vieram de uma planta forte, mas o chão onde caíram é muito pedregoso e seco. Porém a vida insiste. E com alguma água que ali joguei elas insistem em se pôr cor. Sol escaldante de meio-dia as queima ainda mais. O que leio, escrevo aqui: a vida insiste, embora todas as condições sejam extremas e adversas! Às vezes, escrever é quase como querer desabrochar entre pedras!

Esta imagem te dá uma sutil compreensão da dor e do silêncio, da dor muda, de quem insiste em escrever? “Sabe lá o que é não ter e ter que ter pra dar? Sabe lá?”, canta Djavan. Quero encontrar a palavra, muitas palavras para dizer, mas corto o silêncio com o grito de uma faca afiadíssima, uma faca que pudesse cortar um fio de cabelo ao meio, tamanha a potência de seu corte, grito! Palpita em mim esse grito! Irado! Tenho que escrever algo que faça sentido, em cem linhas! Preciso me amparar num ponto de fuga, como uma aranha, para criar as rendas desta escrita.

Ouso tocar a ferida em carne viva. Tenho de citar os autores lidos, fazer citações recuadas, o professor pediu! Anotei dezenas de páginas das falas do professor, importantes, muito importantes, pérolas aos poucos<sup>2</sup>, centrais, dizem do processo de escrita! Com essas pérolas tenho que fazer algo que me coroe: ser

aprovada! Tenho que fazer citações de Roland Barthes e de Maurice Blanchot! E eu que pouco li Michel Foucault, Gilles Deleuze ou Felix Guattari, embora tenha lido muito Friedrich Nietzsche (1992, 2005, 2006, 2008, 2009, 2009a, 2010, 2010a, 2011, 2012) sei que todos os citados beberam na fonte nietzschiana, entre outras. A vontade de potência deste autor passeia por entre as palavras e ideias deste texto. Dança, ao modo do dançarino de Zaratustra, também, o sentido de educação defendido por Nietzsche: torna-te o que tu és! Experimento-me ser escrita de corpo inteiro. Então, nesta úlcera aberta – DEVES ESCREVER! – enfio o dedo com as unhas sujas só pelo prazer de arrancar dela toda dor! Enfio mais fundo, remexo, cutuco e deixo o sangue escorrer, sinto toda a dor possível e não deixo o sangue coagular, porque remexo mais. Não curo! Não trato! Deixo arder até o mais profundo sentimento humano de dor: Tenho que escrever, algo que faça sentido... para o professor? Transformo essa dor num mar vermelho de sangue e com olhar de fogo contemplo esta dor! Gozo esta dor! Rio dessa dor que nem humana é!

Eu não nasci com a escrita: eu aprendi a escrever, portanto ela é uma construção, algo que fizeram nascer em mim, a escrita é re-presentation, é simbolização. E pode ser também metafórica. Diferencia-me dos símios, dos outros animais, dos vegetais e das pedras? Sei escrever, sei usar as letras nas palavras, combinando-as para expressar um sentido? Isso basta? Não que isso tenha importância, diria a tartaruga Morla do filme “A história sem fim”. Mas é importante que eu escreva e as minhas linhas estão escoando como areia na ampulheta.

Que regras ordenam o processo escritural? Soltas as rédeas o cavalo pasta noutros caminhos. Macaco pula de árvore em árvore como se voasse. Formiga traça incertas passagens em busca de. Arrebenta-se a porteira e os bois traçam novas trilhas. Abrem-se as asas e o pássaro é voo. O

<sup>2</sup> Após concluir esse texto fui dormir. Acordei e, porque já tinha lido, lembrei deste fragmento do poema de José Miguel Wisnick: Pérolas aos poucos. Acessível inteiro em <http://letras.terra.com.br/jose-miguel-wisnick/384618/>

peixe no rio sem regras movimentada. Nessas circunstâncias, ao redor, circundando e contemplando fenômenos cotidianos é que os haicais nascem (BARTHES 2005a): no movimento instantâneo de uma iluminação, uma nuance, num átimo, um *tilt*, aquele momento silencioso em que algo exuberava e que a escrita captura. Foi assim que lendo Roland Barthes enquanto sobrevoava o Rio de Janeiro um haicai emergiu em mim. Eu não contei se tem as 17 sílabas (deveria?), não lapidei. Ele veio e assim o anotei:

Montanhas  
A terra se movimentou  
Agora repousa

Eu gostei disso! Nunca tinha ocorrido algo assim! Então se quisesse transformá-lo num verdadeiro haicai eu deveria voltar e acertar as sílabas (5-7-5)? Por enquanto permanece assim. Faltam quantas linhas para concluir? Quantos grãos de palavras ainda poderão escoar? E se a vida ultrapassar a escrita no vidro da ampulheta? E se conseguir que um haicai me visite na pesquisa? Haicai pode entrar no texto acadêmico? Ave!

Ainda existem fronteiras para fertilizar a escrita? Se a terra fosse de ninguém em voo me alçaria para além dos lotes privativos dos proprietários das teorias. Seria preciso identificar armadilhas? Onde pisar, com quem dialogar, tudo teria que ser cuidadosamente examinado? Melhor é entregar-me ao acaso, ainda que tenha um roteiro às mãos. Nunca se sabe o que o inesperado pode revelar. É o saboroso mel do melhor, experimentar-se nômade. Ficar somente com o previsto não me levará para além dos muros já investigados. Jatobá não é figo. O limão tem personalidade diversa da melancia, embora dos dois se faça suco. Gengibre dá flor, mas é raiz para perfume, tempero e salada; bala e remédio também se faz deste rizoma. Aliás, nunca vi um gengibre igual ao outro, tão plural e rizomático que é! Não seria possível que

não pudesse combinar assuntos e conceitos inusitados nesta escrita. Para acionar o sistema tem que ter uma senha? A minha é a imaginação, girando em espiral sobre o eixo da realidade até fazer rodar o pião cambaleante da razão. Transito com leveza por entre as inoperâncias das certezas.

Aprendi com Maurice Blanchot (2005) que nenhuma questão ligada à escrita acabará bem se se ficar presa ao medo de escrever. Por isso ousei. Não sei se operei no vazio ou se joguei uma pedra no lago. Tenho muitas dúvidas e nem espero resolvê-las todas de uma vez. Tomei a liberdade de pensar um pouco e escrevi o que veio à tona. Experimentei a inventividade de um texto pouco acadêmico. Não quero acabar com o silêncio, muito menos terminar com certezas ou verdades de autores recomendados. Não quis matar o medo, o desconhecido ou a vergonha. Deixei reverberar o espírito dos autores lidos. Deixei-me interpelar, exibí alguns sentimentos. Para isso fugi da escola, da regra, da vergonha e do academicismo.

Consegui até escrever uma tese de maneira criativa (WILLMS, 2013), experimentando-me numa escrita e numa forma outra. A literatura de Guimarães Rosa foi meu suporte epistemológico. Fui aprovada com indicação para publicação! Aprendi que há outros caminhos, mesmo dentro da instituição, para se exercitar a sensibilidade e a criatividade. Um detalhe: tive que usar um simulacro apenas para depositar a tese na biblioteca: uma caixa azul marinho com letras douradas, porém dentro a tese tem outra diagramação e cor. Deixei uma trilha aberta para outros passarem, se assim escolherem:

Este o processo a que chamo de *escrevivendo*: a semente de uma ideia escrita, algo lido e vivido, muitas vezes fez germinar um parágrafo que refletia, logo ali adiante, algum aspecto relevante da pesquisa. Operava-se assim, uma alquimia interna e externa, com dores e angústias de um nascimento, uma transformação, que fez nascer esta tese. E por que *escrevivendo*? Porque a experiência vivida

também penetra na escrita e na pesquisa, alterando-as mutuamente, numa permuta que lembra a noção de trajeto antropológico de Gilbert Durand (1989): “a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico social” (p. 29). Porque compreendi esta orientação Durandiana, deliberadamente permiti este encontro e acolhi esta possibilidade - entremesclar o vivido com as leituras, na escrita – porque liguei meu corpo alquimicamente às experiências vividas, transformando-as e, me valendo do espírito como quinto elemento, espiritualizando-as, pois “a alquimia ensina que a saúde do corpo é o resultado de uma livre circulação do espírito por todas as suas partes” (ROGER, 1991, p. 201. Grifo do Autor). Esta escolha me transcende e é maior do que a tentativa de explicá-la racionalmente e por isso aceito-a com a sabedoria de Guimarães Rosa (1985): “E mais não sei, nem saberei, no meu fraco não dizer. Tudo, quanto há, é crendo e querendo: É calando e sabendo...” (p. 147) (WILLMS, 2013: 21).

Mas... Será que escrevi? Afinal, o que é que escrevi? Ave! Como concluir a escrita? Como me conluo? E não disse nada a respeito do meu objeto: o brincar. Ou será que disse no movimento de brincar com a escrita? Criei, inventei, desloquei e conectei o texto, imaginei, ou trapaceei no processo da escrita? Uma criança não se pergunta pelas razões do brincar, mas brinca e exerce o destino de ser criativa.

Sinto prazer em escrever. Confesso. Sempre sinto prazer em escrever textos em que posso me experimentar, expandindo meu diálogo com meu objeto: o brincar. E se isso assusta, paciência. Vencido o susto fica o convite para o diálogo. Assim é a minha vida e a minha escrita. Minha intimidade com a *poiésis* me permite viajar na frase e na travessia, saindo do que me é imposto até como impossibilidade. Rompi a gaiola uma vez que não posso escrever menos de cem e sem linhas: voei para fora da margem: 163 linhas. Ave!

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. **A preparação do romance**. Vol. I. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.
- \_\_\_\_\_. **A preparação do romance**. Vol. II. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.
- BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A origem da tragédia**. 13.ed. São Paulo: Centauro, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Ecce homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009a.
- \_\_\_\_\_. **Assim falou Zaratustra**. 18.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.
- \_\_\_\_\_. **A filosofia na era trágica dos gregos**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- \_\_\_\_\_. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- WILLMS, Elni Elisa. **Escrevivendo: uma fenomenologia rosiana do brincar**. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; orientação Marcos Ferreira-Santos. São Paulo: 2013. 350 p.